FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO

Entre Mundos: o corpo como passaporte para a imaginação

Por Bob Sousa[1]

Em Entre Mundos, da Cia. Pulo do Gato, a imaginação não é apenas o território por onde transitam as personagens, mas o próprio dispositivo de construção da cena. Duas criaturas nascem diante dos olhos do público e, impulsionadas pela curiosidade, descobrem um portal que as conduz a diferentes universos. Dinossauros, oceanos, cidades, desertos e cavernas compõem essa aventura de descobertas, na qual a palavra falada cede lugar à expressividade do corpo, à materialidade das máscaras e à composição de imagens.

Dirigido por Elisa Rossin, o espetáculo encontra na linguagem da máscara teatral seu principal fundamento estético e dramatúrgico. Ao ocultar os rostos dos intérpretes, a máscara desloca a comunicação para outras possibilidades expressivas. O gesto ganha dimensão narrativa, a respiração participa da construção das personagens e cada movimento precisa encontrar sua precisão para comunicar intenções, sensações e estados de espírito. Gabriel Bodstein e Gabriela Cerqueira desenvolvem uma atuação marcada pelo jogo corporal, pela curiosidade e pela descoberta, estabelecendo uma relação de cumplicidade que aproxima o público das experiências vividas por essas criaturas.

A visualidade se organiza a partir de uma cenografia essencial, que não procura reproduzir realisticamente os lugares visitados. O espaço cênico funciona como uma superfície disponível à transformação, uma espécie de página em branco sobre a qual são projetadas diferentes possibilidades de existência. Nesse sentido, o portal, materializado por uma fita elástica vermelha, assume uma função particularmente interessante. Mais do que um objeto de passagem, torna-se elemento de articulação da dramaturgia visual, estabelecendo fronteiras provisórias entre realidades e estimulando a percepção de que o espaço teatral pode ser reinventado continuamente.

A sucessão de ambientes não depende de grandes construções cenográficas, mas da capacidade de sugerir. É no encontro entre os corpos, os objetos, os movimentos e os estímulos sonoros que cada universo adquire identidade. A cena se transforma por associações visuais, criando pequenas situações que se aproximam da linguagem dos desenhos animados e das histórias em quadrinhos. São quadros de curta duração, com ações reconhecíveis e pequenas resoluções, que mantêm o encadeamento da aventura

[1] **Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp (com orientação da Profª Drª Simone Carleto Fontes), onde também obteve o título de mestre em Artes (com orientação do Profº Drº Alexandre Mate). É jurado de Teatro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes – e de Artes Visuais do Prêmio Arcanjo de Cultura. Autor do livro Retratos do teatro (Editora Unesp).**

sem exigir uma narrativa linear complexa. A simplicidade dessa estrutura favorece a compreensão das crianças, mas também preserva espaços para a interpretação e a fantasia.

O espetáculo parece desenhar no espaço uma sucessão de poemas visuais, nos quais a contemplação se torna parte fundamental da experiência teatral. Há uma opção pelo tempo dilatado, por uma temporalidade mais lenta, que permite ao olhar acompanhar a descoberta e permanecer diante das imagens sem a urgência de uma narrativa acelerada. A travessia entre os diferentes mundos acontece como uma sucessão de experiências sensoriais, pequenas composições que se constroem pela relação entre corpos, objetos e espaço. A lona, elemento de grande simplicidade material, adquire múltiplas possibilidades de uso, transformando-se em superfície de criação e território de passagem. Nesse desenho cênico, cada imagem parece existir por si mesma, como um convite à observação e ao encantamento.

A utilização das máscaras larvárias confere às personagens uma dimensão expressiva particular. Seus rostos inacabados, desprovidos de uma identidade psicológica convencional, abrem espaço para uma atuação fundamentada na pantomima, na precisão dos gestos e na comunicação corporal. O movimento torna-se linguagem, enquanto o silêncio amplia a percepção dos pequenos acontecimentos. Existe nessa escolha uma aproximação com o estado da infância, entendido não apenas como representação de um universo infantil, mas como uma disponibilidade para experimentar, descobrir e se surpreender diante do desconhecido. Entre Mundos recupera, assim, algo essencial da experiência de brincar: a capacidade de transformar qualquer objeto em outro, qualquer espaço em território desconhecido e qualquer gesto em possibilidade de invenção.

A trilha sonora original, criada por Alex Huszar, Max Huszar e Thomas Huszar, desempenha papel decisivo nessa arquitetura sensorial. As ambiências, melodias e sonoridades ajudam a estabelecer atmosferas, sugerindo os diferentes ambientes e ampliando a percepção das ações. O som não funciona apenas como acompanhamento, mas como parte integrante da dramaturgia, oferecendo referências para aquilo que os olhos ainda estão descobrindo. A articulação entre imagem e sonoridade constitui, assim, uma das principais estratégias de comunicação do espetáculo.

Há uma qualidade particularmente interessante nessa opção por não explicar verbalmente aquilo que acontece. Ao retirar a palavra como mediadora obrigatória, Entre Mundos confia na inteligência perceptiva das crianças e na capacidade de reconhecer, associar e imaginar. O espectador não recebe todas as informações prontas, mas participa da construção dos acontecimentos, preenchendo com sua própria experiência aquilo que a

cena apenas sugere. A ausência da fala, portanto, não representa uma limitação, mas uma escolha de linguagem que amplia as possibilidades de recepção.

O espetáculo aposta na delicadeza dos pequenos acontecimentos e na potência de uma teatralidade que encontra no brincar sua principal força criativa. A cada passagem pelo portal, o mundo conhecido se desfaz para dar lugar a outro, reafirmando a capacidade do teatro de transformar o espaço e produzir realidades diante dos olhos do público. Na 40ª edição do Festivale, Entre Mundos apresenta uma experiência de iniciação à linguagem teatral em que a imagem precede a explicação, o corpo substitui a palavra e a imaginação se converte em matéria de cena. Afinal, para atravessar tantos mundos, talvez seja necessário apenas um gesto, um objeto e a disponibilidade de olhar.